

# Francisco Adolfo de Varnhagen e a negação do indianismo romântico

Laura Nogueira Oliveira  
Centro Federal de Educação Tecnológica/MG

*Resumo: Este artigo, a partir da análise de textos de Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, demonstra como e por que esse autor passou de uma perspectiva favorável em relação ao indianismo romântico a sua negação como o fundamento de consolidação da literatura nacional brasileira. Em um momento no qual o indianismo ganhava amplo apoio e concretizava as aspirações dos críticos no sentido de se dar início à produção de uma literatura nacional, Varnhagen era uma voz discordante entre os indianistas. Para ele, o indianismo não era apenas um erro, mas uma verdadeira ameaça à nacionalidade brasileira, pois colocava em dúvida a validade de toda a obra colonizadora e civilizadora portuguesa e era um empecilho à constituição de uma nação branca europeizada.*

*Palavras-chave: Literatura brasileira, Indianismo romântico, Francisco Adolfo de Varnhagen.*

Na seção de obras raras da Biblioteca Nacional, encontra-se depositado um pequeno e inédito texto da autoria de Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro. Intitulado *O Brasil e seus habitantes antes da*

*colonização cristã: da História geral do Brasil – Prefácio*,<sup>1</sup> o texto é uma peça publicitária datada de 1875, dirigida a editores de periódicos brasileiros e preparada para anunciar as modificações que fizera em sua *História geral do Brasil*, para uma segunda edição.<sup>2</sup> Distribuído provavelmente aos jornais, o texto não foi, entretanto, incorporado à obra quando de seu relançamento, ocorrido dois anos depois.

Interessante é que, tendo elaborado esse texto para anunciar as alterações feitas na *História geral*, nele o autor se limita a enumerar criteriosamente seus trabalhos anteriores sobre os indígenas da América Portuguesa. Ele cita, entre outros: a *Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas no Brasil*, que apresentara ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sobre a importância do estudo das línguas nativas do Brasil;<sup>3</sup> os estudos etimológicos das “nacionalidades indígenas”, realizados nas anotações ao *Tratado descritivo do Brasil*,<sup>4</sup> e um libelo sobre as misérias dos indígenas seus contemporâneos e sobre as medidas necessárias para resgatá-los da selvageria, intitulado *Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º; apostila e nota G aos nº 11 e 12 do ‘Jornal do Timon’, contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto ‘Diatribes contra o Timonice’ etc.*<sup>5</sup>

É provável que o visconde procurasse, com essa publicação, provar seu conhecimento sobre a temática, uma vez que era vasta sua produção sobre ela e, exatamente por isso, teria autoridade e direito para apresentar certas conclusões a que chegara sobre os indígenas. Pode-se supor que ele pretendia gerar em seu futuro leitor uma expectativa favorável e uma maior aceitação aos “novos fatos importantes” que ele apontaria no volume a ser reeditado. É o que podemos deduzir a partir do seguinte trecho desse *Prefácio*:

1. VARNHAGEN. *O Brasil e seus habitantes antes da colonização cristã: da História geral do Brasil – Prefácio*, 5 p.
2. Em 1854 e 1857, Varnhagen publicaria, respectivamente, o primeiro e o segundo volumes de sua *História geral do Brasil*. Posteriormente, em 1877, essa obra seria reeditada após sofrer “melhorias e aumentos”, conforme nos informa o autor, no frontispício da obra.
3. VARNHAGEN. *Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil*.
4. VARNHAGEN. *Breves comentários à precedente obra de Gabriel Soares*.
5. VARNHAGEN. *Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º; apostila e nota G aos nº 11 e 12 do ‘Jornal do Timon’, contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto ‘Diatribes contra o Timonice’ etc.*

Dando desde já publicidade, por meio de alguns exemplares, a estas páginas, destinadas a servirem de introdução à segunda edição da “História Geral do Brasil”, de que nos seguimos ocupando, temos por principal intuito o fazer conhecidos, sem mais demora, alguns novos fatos importantes, que conseguimos apurar, a respeito da raça Tupi, começando pela etimologia e verdadeira significação deste vocábulo [...]. Com a benevolência e concurso das folhas periódicas contamos para a transmissão ao público destas notícias, se nos quiserem favorecer, transcrevendo-as, no todo ou em parte, em suas colunas. Estas e outras averiguações, respectivamente aos nossos selvagens, hão sido objeto de nossa constante predileção em toda a vida, inteiramente concordes com o sábio naturalista Martius, que, conformando-se com o dito de um grande poeta alemão de que “ao homem nada interessa tanto como o homem”, não duvidou considerá-las mais úteis e curiosas do que todas as respectivas à imensidade dos admiráveis produtos naturais, que o novo-mundo encerra em seu seio.<sup>6</sup>

Assim, podemos entender que, além da credibilidade que todos os seus estudos lhe conferiam, conforme ele procurou ressaltar, o autor recorre ainda a outra autoridade na temática, ao lembrar a seu leitor que o reconhecido estudioso bávaro, von Martius,<sup>7</sup> assinalara a importância dos estudos “de nossos selvagens”. Essa importância vinculava-se, conforme afirma mais adiante no *Prefácio*, ao fato de que tais trabalhos seriam fundamentais a “bem da catequese e da literatura pátria”. Poderíamos supor, portanto, que Varnhagen era, assim como vários de seus contemporâneos, um defensor do indianismo como temática fundamental para a edificação da literatura nacional?<sup>8</sup>

Curiosamente, não consta naquela listagem do *Prefácio*, que atesta sua autoridade sobre a temática indígena, exatamente o primeiro trabalho do autor

6. VARNHAGEN. *O Brasil e seus habitantes antes da colonização cristã: da História geral do Brasil – Prefácio*, p. 2.

7. Sobre o prestígio alcançado por von Martius entre os intelectuais brasileiros e sua influência sobre o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ver o texto de FLEIUSS, O centenário de Martius.

8. Sobre o indianismo romântico, Marta Amoroso e Oscar Sáez avaliam que “do indianismo poucos autores do século XIX escaparam. O tema correspondeu a um salvo conduto para qualquer brasileiro (ou americanista) trafegar, e se estabelecer, no panorama artístico da época”. Cf. AMOROSO e SÁEZ. *Filhos do norte: o indianismo em Gonçalves Dias e Capistrano de Abreu*, p. 240.

sobre o assunto. O trabalho excluído é uma versão romaneada da Carta de Pero Vaz de Caminha intitulada *O descobrimento do Brasil, chronica do fim do decimo-quinto seculo*. O texto foi publicado em março de 1840 no quarto volume da revista portuguesa *O Panorama* e, no mesmo ano, reimpresso no Rio de Janeiro em uma segunda edição revista e corrigida pelo autor.<sup>9</sup> Ora, se naqueles idos de 1875, o visconde pretendia provar sua autoridade para tratar de questões sobre os indígenas exatamente porque os “nossos selvagens hão sido objeto de nossa constante predileção em toda a vida”,<sup>10</sup> por que a *Chronica* não figura entre os textos enumerados, apesar de ser essa justamente sua primeira produção intelectual sobre a temática? Por que o texto não seria, a seus olhos, digno de abrir e de estar na listagem feita naquela ocasião?

Voltemos alguns anos. Em 1867, Porto Seguro publicara um libelo intitulado *Os índios bravos e o Sr. Lisboa...*<sup>11</sup> e, na segunda parte desse texto, ele também rememora seus trabalhos sobre os nativos brasileiros. Na ocasião, confessou com amargura e até melancolia:

Durante os meus primeiros anos de aplicação e de estudos feitos na Europa sobre as nossas cousas [temas referentes ao Brasil], confesso que não tinha eu acerca do caráter dos nossos Índios nenhuma idéias seguras, ou para melhor dizer, achava-me acerca deles todos sob a impressão da carta de Pero Vaz de Caminha, que quase chegava a invejar a inocência dos Tupiniquins encontrados por Cabral em Porto Seguro; e sob essa impressão escrevi algumas linhas da ‘Crônica do descobrimento do Brasil’, que publicou o Panorama<sup>12</sup> em princípios de 1840.<sup>13</sup>

9. No presente estudo, utilizo a segunda edição do texto.

10. VARNHAGEN. *O Brasil e seus habitantes antes da colonização cristã: da História geral do Brasil – Prefácio*, p. 2.

11. VARNHAGEN. *Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º; apostila e nota G aos nº 11 e 12 do ‘Jornal do Timon’, contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto ‘Diatribes contra o Timonice’ etc.*

12. Segundo Lessa, no “periódico [O Panorama] em que colaborava o escol das letras portuguesas”, Varnhagen era um dos seus diretores suplentes, desde o aparecimento da folha, em 1837. Cf. LESSA. *Formação de Varnhagen*, p. 68.

13. VARNHAGEN. *Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º; apostila e nota G aos nº 11 e 12 do ‘Jornal do Timon’, contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto ‘Diatribes contra o Timonice’ etc.*, p. 36.

Ao fazer menção à *Chronica*, o autor destaca o fato de ela ser fruto da imaturidade de um jovem, desconhecedor da real situação de selvageria na qual viviam os nativos encontrados por Caminha. Assim, apresentava-se como um escritor que nocivamente se deixara influenciar pela ingenuidade e inconseqüência do relato do escrivão da frota de Cabral.<sup>14</sup> Pelas razões apresentadas, advertia a seu leitor que a *Chronica* não merecia nenhuma credibilidade.

Vemos, então, como, por duas vezes pelo menos, o autor negou sua obra, seja pela desqualificação explícita, como a que acabamos de ler, de 1867, seja pela omissão pura e simples, como a de 1875, no *Prefácio*. A seus olhos, a *Chronica* deveria ser apartada do conjunto de seus trabalhos, esquecida e não incluída em cálculos futuros de sua obra. É por isso que ela não aparece na listagem de 1875. Mas por que tomara ele essa decisão?

Ao escrever *Os índios bravos...*, em 1867, Varnhagen declarava que, desde fins daquele ano de 1840, em que publicara a *Chronica* e em que viajara pelo sul da província de São Paulo,<sup>15</sup> perdera todas as ilusões poéticas a respeito dos indígenas. Nessa região, escutara casos sobre as correrias, as invasões e os assaltos cruéis perpetrados pelos “selvagens”, que causavam espanto e horror a toda população. Menciona ainda que não apenas ouvira essas histórias, como tivera a infeliz oportunidade de vivenciar o sofrimento cotidiano daquela população, pois tivera de fugir para não ser atacado por índios. A esse respeito, concluiu:

Confesso que desde então uma profunda mágoa e até um certo vexame se apoderou de mim, ao considerar que, apesar de ter o Brasil um governo regular, em tantos lugares do seu território achavam-se (e acham-se ainda) um grande número de cidadãos brasileiros à mercê de semelhantes cáfilas de canibais.<sup>16</sup>

14. É interessante salientar que a *Crônica* foi escrita apenas um ano antes da *Memória*, que é o primeiro trabalho apresentado na listagem de 1875.

15. Dessa viagem, realizada ao sul da Província de São Paulo em fins de 1840, Varnhagen escreveu um relato, que foi publicado na revista portuguesa *O Panorama*. É nesse texto que o autor menciona o desagradável susto com os indígenas. Cf. VARNHAGEN. *A picada do mato virgem: fragmento de uma viagem pelo sertão*.

16. VARNHAGEN. *A picada do mato virgem: fragmento de uma viagem pelo sertão*, p. 221-223.

Nesse mesmo texto de 1867, afirma ainda que, desde aquela viagem ao sul de São Paulo, dedicara-se a ler e a estudar os *Relatórios dos presidentes de Províncias* e acabou considerando que as regiões “infestadas do flagelo dos Índios Bravos” podiam ser consideradas em verdadeira guerra civil. Em sua opinião, parte do território nacional encontrava-se ocupado por um inimigo interno, uma verdadeira praga, que colocava a Nação permanentemente em risco. E isso feria seus sentimentos de amor por sua terra natal. Ao mesmo tempo, declarava-se vexado, provavelmente porque ele próprio contribuía para a difusão, sob a funesta influência de Caminha, de uma distorcida impressão sobre esses povos. Essa imagem deformada dos indígenas fora a que ele construía e apresentara na *Chronica*.

Nas primeiras páginas da *Chronica*, de 1840, o autor elaborara uma visão dos indígenas, a partir da *Carta* de Caminha, muito diversa da expressa vinte e sete anos mais tarde. Por um lado, afiançava que o escrivão da frota de Cabral fora a única testemunha ocular da chegada da armada portuguesa nas terras americanas, sendo sua narrativa a mais fidedigna sobre os acontecimentos, devendo, a seu ver, “suplantar as [narrativas] dos mais acreditados escritores que não foram coevos” de Cabral.<sup>17</sup> Avaliou que, portanto, era preciso que os brasileiros conhecessem esse importante documento da história nacional. Para Varnhagen, o escrivão empregara um gênero literário adequado para informar o Rei de Portugal sobre as novas terras encontradas. A seu ver, Caminha tinha uma “elegante maneira de descrever”.<sup>18</sup> Por outro lado, ao preparar uma edição da carta séculos depois de o documento ter sido escrito, verificou a necessidade de empregar uma forma

17. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 8.

18. Varnhagen discute com seu leitor a necessidade de se observar a conformação da obra ao gênero literário a que pertence. Nesse sentido, segue os preceitos dos antigos retores, que ditavam regras aos escritores. Segundo a formação retórica, os escritores deveriam, no sentido prescritivo da palavra, se preocupar em coadunar o gênero textual aos fins a que se destinava. Sobre a formação retórica de Varnhagen e o emprego que fazia dessa antiga arte, ver OLIVEIRA. *A palavra empenhada: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen*.

mais adequada para divulgar o esquecido documento, decidindo que o melhor seria publicá-lo de forma romanceada.<sup>19</sup>

A seu leitor, contudo, ele garantia que sua narrativa tinha estreita ligação com a verdade, porque assentada em documentação histórica. Declarava mesmo que, ao redigir aquela *Chronica*, seguira quase textualmente a *Carta* quinhentista. Sua novela era verossímil, pois concebida a partir das seguras informações fornecidas pela testemunha mais confiável e contemporânea dos fatos. Por isso, em nota acrescida à segunda edição da *Chronica*, afirmou que as “circunstâncias com que vestimos a nossa crônica são históricas”.<sup>20</sup>

Feitas as observações, ele passa a narrador dos acontecimentos relatados por Caminha e repete textualmente longos trechos da *Carta*. Assim como Caminha, Varnhagen apresenta os indígenas como fisicamente aprazíveis, por possuírem cabelos corrediços, feições regulares do rosto, elegantes corpos e narizes afilados. As índias, destaca o narrador, pareciam particularmente belas e atraíam os olhares cobiçosos dos navegadores portugueses. Também como Caminha, acreditava que aqueles bons rostos e corpos somente poderiam ser interpretados como prova de dádiva divina àqueles homens. Não por acaso, seriam eles puros, pacíficos e alegres; homens que depunham suas armas e acenavam para os portugueses aportarem naquela terra acolhedora.<sup>21</sup> Foi com os pressupostos do indianismo e do amor românticos que Varnhagen inseriu em sua narrativa um episódio amoroso

19. Inocência da Silva foi um dos poucos contemporâneos do autor a fazer menção à *Crônica*. Nas páginas de seu *Dicionário bibliográfico*, esse autor afirma que leu uma carta de Varnhagen em que se encontra a seguinte declaração: “escrevera [a Crônica] para fazer chegar ao conhecimento do público a interessante carta de Pero Vaz de Caminha, e que preferira a forma do romance por ser este o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a história do país.” Essa afirmativa é reveladora: o autor publicara de forma romanceada a *Carta* de Caminha para despertar o interesse dos brasileiros por um documento de sua história, julgando ser essa a melhor maneira de alcançar seu intento. Se a *Carta* era importante, também seria atribuído valor ao trabalho de sua divulgação, propósito que se realizaria graças à publicação da *Crônica*. Assim, Varnhagen ressaltava o valor da obra de Caminha e, ao mesmo tempo, o de seu próprio trabalho. Cf. SILVA. *Dicionário bibliográfico português*, v. II, p. 320.

20. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 63.

21. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 25.

protagonizado por um garboso tripulante da esquadra e uma jovem indígena. Ela, nomeada Ypeca, é apresentada como uma bela rapariga, tão bela que comparável às belas de Lisboa, porque seu rosto expressivo

[...] oferecia muitos mais encantos, com qualquer cintilante volver de olho [...]. Lindos e compridos cabelos pretos, desdenhosamente soltos pelos ombros, constituíam seu vestuário [...]. O torneado pescoço e o saído peito arquejante davam realce aos seus gestos meigos e feiticeiros, e ao lindo rosto lhe assomava um riso terno que, por entre os beijos, permitia descobrir a furto os alvíssimos dentes [...].<sup>22</sup>

A jovem indígena e o navegador português, de nome Brás Ribeiro, não tiveram nenhuma dificuldade para se entenderem. E isso se devia, segundo o narrador, à “linguagem amorosa, única que tem sinais comuns em todo universo”.<sup>23</sup> A apaixonada moça se entregara a seu parceiro: “com o braço esquerdo estendido sobre o dele e como parceira de valsa, ergueu voluptuosamente os olhos enternecidos e, mui fagueira, pôs o rosto em situação própria de nele receber um penhor de tanto afeto”.<sup>24</sup> Ela conhecia os códigos do amor e os modos como deveria demonstrá-lo. Um amor que nascera em seu coração porque, afinal, encontrara “neste português graças e encantos que nos seus desconhecia. Os olhos penetrantes, sobrolhos cerrados, barbas pretas, [...] junto a vestes marciais, lhe davam certo ar varonil,<sup>25</sup> beleza principal do sexo masculino.”<sup>26</sup>

22. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 43.

23. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 36.

24. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 44.

25. Segundo Antonello Gerbi, “o pelame no queixo teve de longa data, ao menos nas civilizações européias, uma estreita associação com a galhardia corpórea e em especial com a potência viril.” O português fora digno de receber o coração da jovem porque era um varão dotado de barbas. Segundo as teorias construídas na segunda metade do século XVIII, os machos indígenas seriam impotentes e frios, incapazes de despertar e de concretizar os desejos de suas mulheres. Uma prova da frigidez desses homens seria exatamente a fato deles serem imberbes, o que os tornaria impotentes. Cf. GERBI. *O novo mundo: história de uma polêmica 1790 – 1900*, p. 72.

26. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 43, 44.

O narrador garante ao leitor que essa bela jovem poderia concorrer para se “tornar digna esposa” do personagem Brás Ribeiro, porque haveria uma predisposição da jovem para a civilização. Podemos verificar isso no fato de que, por exemplo, apesar de ter costumes como o de andar nua, trazendo como adereço apenas umas pulseiras, a jovem índia demonstrara possuir princípios morais, pois “certa postura em que tinha os braços lhe ocultava boa parte do corpo”.<sup>27</sup> Além disso, Ypeca não se negaria a ser doutrinada na fé e a ser batizada. Em nome do amor e para ter o esposo escolhido, ela espontaneamente abandonaria suas crenças e seu povo. O leitor poderia tomar como verídica essa história, uma vez que, como apontara Varnhagen, toda a narrativa foi construída a partir das fidedignas informações fornecidas por Caminha; entretanto, ela é apenas verossímil, porque inventada pelo ficcionista, autor da *Chronica*.<sup>28</sup>

Na *Chronica*, como na *Carta*, os indígenas aparecem idealizados como “bons selvagens”, dotados de características que os predispunham a negar sua cultura e abraçar a do outro ou, simplesmente, já se comportando ou agindo como se fossem lusitanos.

Ao leitor, contudo, resta a frustração de não ver esse amor concretizado. A jovem, capturada pelos de sua tribo, é apartada de seu amante. A ação de separação, no entanto, parece apenas aparentemente eficaz, pois Ypeca, obrigada pelos seus a unir-se a um selvagem, termina por morrer de paixão. O desejo que move a protagonista é o de renegar sua cultura e, impossibilitada de fazê-lo, resta-lhe apenas a morte. O narrador acaba por conduzir o leitor a um sentimento de compaixão para com essa jovem que tão ardentemente desejara tornar-se o outro por meio de uma entrega incondicional.

Ao escrever a *Chronica*, Varnhagen deu sua contribuição ao indianismo literário. Talvez mais do que divulgar um documento histórico, o interesse do autor, ao escrever a *Chronica*, tivesse sido o de construir uma ficção que servisse de exemplo para os literatos brasileiros, que deveriam tratar temas nacionais em suas obras e assim edificar uma literatura nacional. Porém, ao verificar que a

27. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 43.

28. Sobre o amor não concretizado entre Ypeca e o jovem Brás Ribeiro, Varnhagen redigiu a seguinte nota: “Só aqui cumpre declarar para consolar alguma leitora enternecida pela morte de Ypeca, que foi pura invenção todo o assunto [...], e por isso que não chore, porque não foi verdade – como se diz às crianças”. Cf. VARNHAGEN. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*, p. 68.

caracterização dos índios como “bons selvagens”, como estava em Caminha, não condizia minimamente com a realidade que observara quando de sua visita ao sul de São Paulo, ele abandonou esse projeto e propôs a construção da literatura nacional em outras bases, como veremos adiante.

Na *Chronica*, os indígenas foram apresentados como selvagens, porém bons selvagens, segundo valores estabelecidos na e pela sociedade europeia. Eles eram homens que viviam em primitivo estado de organização, mas que possuíam princípios que os credenciariam a adentrar no mundo da cultura do homem branco.

A primeira tendência do leitor, diante do romance protagonizado pela bela Ypêca e o jovem navegador português, é a de atribuir a seu autor uma perspectiva generosa com relação ao encontro entre povos. Entretanto, em estudo sobre a poética indianista, Antônio Paulo Graça lembra que, por mais dessemelhantes que sejam as culturas produzidas pelos homens, elas “guardam um elemento estruturante e identificador: a humanidade da cultura”.<sup>29</sup> O que distinguiria os homens dos animais seria o fato de que o homem é um ser cultural que só pode ser compreendido no seio de sua cultura. A humanidade se traduz pela produção e pela detenção de uma cultura. Negar a pluralidade cultural humana, nessa perspectiva, significa negar a própria humanidade desse povo. A negação da humanidade é, neste sentido, um ato de extermínio.

Segundo Paulo Graça, as obras indianistas brasileiras traduziram e edificaram uma imagem do nativo brasileiro a partir de uma longa tradição filosófica europeia que, desde Caminha até os filósofos do iluminismo, moldou “o perfil do bom selvagem, o homem sem as impurezas da vida degradada da sociedade europeia”.<sup>30</sup> Foi essa imagem a utilizada pela poética indianista. Contudo, essa imagem idealizada e idealizadora não foi gratuitamente apropriada e retrabalhada pela ficção nacionalista. Na opinião desse estudioso, a ficção indianista, por meio de estratégias e procedimentos narrativos, construiu uma verdadeira “gramática poética de matiz genocida”. Tal gramática seria composta, segundo Graça, por vários recursos recorrentemente empregados. Dentre eles, estaria o sequestro da liberdade do indígena, por meio do qual os autores atribuíram “à vida selvagem conflitos e valores sociais e políticos próprios de nossa sociedade”.<sup>31</sup> Também

29. GRAÇA. *Uma poética do genocídio*, p. 16.

30. GRAÇA. *Uma poética do genocídio*, p. 23.

31. GRAÇA. *Uma poética do genocídio*, p. 19.

caracterizaria essa poética o sequestro da alma indígena, que consiste na atribuição a ela de uma essência lusitana. Para Graça, essa poética não “pertence a um único escritor [e] se vem desenvolvendo desde Alencar.”<sup>32</sup>

Talvez seja possível ler a *Chronica* como uma precursora da obra de José de Alencar. Há alguns anos, um dos maiores estudiosos de Varnhagen, Clado Lessa, levantava a hipótese de ser a indígena pintada na *Chronica* “a não confessada inspiradora [de Alencar]”<sup>33</sup> na construção de sua personagem Iracema, a heroína romântica de seu romance publicado em 1865. O certo é que podemos encontrar na crônica romanceada de Varnhagen pelo menos esses dois elementos que formariam a poética do genocídio apontados por Graça.

A expropriação da alma indígena quase não desperta a atenção do leitor da *Chronica*. Habilmente, o narrador diminui a importância da expropriação ao colocar em foco o amor, um motivo tão nobre, que acabaria por justificar a inferiorização e negação da cultura indígena pelo próprio indígena. A adesão à cultura europeia fica, assim, dada na ficção varnhageniana, em que os indígenas são representados como “bons selvagens”. O episódio amoroso da personagem Ypêca confirma essa predisposição à adoção da cultura do civilizador europeu.

Porém, em 1867, Varnhagen muda de perspectiva em relação a essa representação positiva dos indígenas brasileiros. Ao escrever os *Índios bravos...*, o escritor negou convictamente a crença na bondade natural dos indígenas americanos. A seu ver, contrariamente ao que apresentara na *Chronica*, eles eram povos selvagens, canibais, emboscadores, traiçoeiros. Como seria possível ver neles objeto de inspiração à edificação de uma literatura nacional? Somente se a Nação brasileira desejasse colocar sua origem em povos decaídos e talvez mesmo incivilizáveis. Se a literatura era a expressão da alma de uma nação, jamais o Brasil poderia situar sua origem em uma “cáfila de canibais”, afirmou.

Resta-nos perguntar se realmente Varnhagen realizara uma mudança completa em sua maneira de ver os indígenas brasileiros. A primeira sensação que temos ao ler a *Chronica* é a de estar diante de uma perspectiva muito mais generosa com relação aos nativos brasileiros. Entretanto, essa aparente generosidade carrega em si uma perversa concordância com o etnocídio e o genocídio. Tal concordância está explícita na crença de que a única possibilidade de humanização dos indígenas estaria no fato de eles possuírem certos atributos que lhes abririam

32. GRAÇA. *Uma poética do genocídio*, p. 26.

33. LESSA. Vida e obra de Varnhagen: o polemista (continuação), p. 166.

as portas do mundo do homem branco. O índio só se tornaria humano, dentro dessa concepção etnocêntrica, se desejasse e aceitasse o branqueamento. O autor não duvidava, ao escrever a *Chronica*, da existência desse desejo e de sua possibilidade de efetivação.

Em fins de 1840, ao se convencer de que os nativos não eram os “bons selvagens” que descrevera na *Chronica*, mas simplesmente homens primitivos sem nenhuma daquelas qualidades que lhes atribuíra, Varnhagen passou a ter certeza de que os nativos brasileiros jamais poderiam assumir a cultura do branco, porque eram comparáveis aos animais. Se não podiam no presente, conforme constatara em sua experiência de viajante, também não o poderiam ter sido no passado. Era por isso, por não apresentarem nenhum traço de civilidade, que eles não poderiam ser postos na origem da nossa nacionalidade.

Em 1850, Varnhagen publicou os dois primeiros tomos do *Florilégio da poesia brasileira*, uma antologia em que reunia o que considerava merecedor de ser resgatado e publicado da produção poética “nacional”. Ao selecionar, agrupar e tornar coevos os poemas da antologia, o compilador recolhia os modelos do passado que considerava bons e que deveriam, em seu entendimento, servir de modelos para os contemporâneos. Na avaliação de Marisa Lajolo, ele contribuiu, naquele momento, para a elaboração do cânone literário nacional.<sup>34</sup>

No *Ensaio histórico* que introduzia a coletânea, o autor advertia que nela reunira os poemas americanos que manifestavam a nacionalidade brasileira. Para isso, eles precisavam ser escritos na língua nacional e valorizar a natureza local e/ou os heróis da pátria. Afirmava que, se a nação brasileira, em processo de consolidação, se pretendesse um Estado grandioso, era preciso garantir a edificação e a consolidação de sua literatura. Afinal, afirmava, a poesia fazia transparecer a glória dos Estados ao traduzir em palavras o mais essencial, belo e profundo do que originara a nacionalidade.

Advertia, contudo, que o Brasil possuía um idioma próprio desde quando os primeiros colonos portugueses começaram a chegar ao território. Foram eles que, ao migrar, trouxeram a língua portuguesa. Com o tempo, essa língua adquirira sonoridades distintas da falada na mãe pátria e se constituíra na língua nacional. Era por isso que não pertenciam ao escopo de sua antologia, justificava o autor, os fragmentos de poemas religiosos escritos em língua guarani, pois a obra

34. LAJOLO. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história?, p. 305.

reunia as poesias filhas da inspiração de uma alma nacional. E o Brasil era filho da colonização portuguesa. As línguas nativas do Brasil não eram veículos próprios para a expressão de uma alma que só se desenvolvera nessa parte do Novo Mundo à medida que os portugueses se embrenharam pelos sertões. O Brasil não era filho das selvas e, portanto, os versos a serem recuperados, do extenso manancial do passado, eram os versos escritos na língua portuguesa do Brasil, os que traziam, desde sempre, uma marca indelével da nacionalidade fundada pelos colonizadores portugueses. Se os poetas pretendiam produzir versos talentosos, capazes de exprimir o caráter nacional, era preciso não escrever em línguas estrangeiras, pois, nesse caso, terminavam por compor versos sem inspiração, uma vez que “a dificuldade da empresa prendeu-lhe[s] a veia poética”.<sup>35</sup> Ele considerava, portanto, que, entre as línguas estrangeiras, estavam aquelas faladas pelos nativos da terra, e os poetas não poderiam se utilizar delas se desejavam expressar a alma nacional. A eles restava apenas a missão de escolher os temas a tratar e os recursos estilísticos a empregar na “harmoniosa e bela língua” herdada dos colonizadores portugueses e já adaptada pelo brasileiro.

Logo, era preciso resgatar o caminho percorrido pelos autores que se empenharam em empregar essa língua no Novo Mundo. O *Florilégio* revelava aos jovens poetas do presente a longa estrada percorrida pelos poetas que os antecederam e pretendia demonstrar a existência de uma tradição reveladora do espírito nacional – espírito que era fruto da civilização portuguesa, insistia o autor.

Nesse sentido, pode-se compreender por que o autor não incluía em sua coletânea os “escassos fragmentos que chegaram a nós de poemas principalmente religiosos em língua guarani”.<sup>36</sup> Não os incluía porque a língua brasileira era filha da civilização aqui aportada pelas mãos de seus agentes, os portugueses. O *Florilégio* fora composto no sentido de reunir e de tornar conhecidas apenas as poesias filhas da inspiração de uma alma nacional, filhas da única civilização que, na compreensão etnocêntrica de Varnhagen, era legítima: a europeia.

Essa poesia a ser resgatada do desconhecimento também deveria trazer a marca da originalidade, no sentido de tratar dos assuntos nacionais. Um poeta só seria considerado se tivesse tomado como tema de sua lira “o que de mais americano tivemos”.<sup>37</sup> Um poeta seria original, de acordo com os critérios do

35. VARNHAGEN. Prólogo, p. 15.

36. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 49.

37. VARNHAGEN. Prólogo, p. 14.

compilador, deixando de imitar o estrangeiro e buscando a inspiração “que brota com tanta profusão, do seio do próprio país, e sejam antes de tudo originais”.<sup>38</sup> A elevada poesia nacional deveria tratar das majestosas cenas naturais do país, traduzir em versos os sublimes frutos do clima e do solo nacionais. A poesia americana nasceria, portanto, “da contemplação de uma natureza nova e virgem”.<sup>39</sup> A exuberante terra daria aos poemas uma cor americana e impediria os poetas de permanecerem cantando temas mitológicos do velho mundo.

Varnhagen advertia que, entretanto, os que seguissem esses preceitos poderiam incorrer em dois erros imperdoáveis. O primeiro seria os poetas entenderem que, para ser americano, um poema devesse ser construído como

[...] uma completa insubordinação a todos os preceitos dos clássicos gregos e romanos, e dos clássicos da antiga pátria-mãe. [...] Mas enganar-se-ia o que julgasse, que para ser poeta original havia que retroceder ao abc da arte, em vez de adotar, e possuir-se bem dos preceitos do belo, que dos antigos recebeu a Europa. O contrário podia comparar-se ao que para buscar originalidade, desprezasse todos os elementos da civilização, todos os preceitos da religião, que nos transmitiram nossos pais.<sup>40</sup>

Não havia razão para fugir dos preceitos estabelecidos pelos literatos europeus. Aos poetas brasileiros caberia a tarefa de utilizar-se dessas ferramentas e traduzir, por meio delas, a alma nacional. O segundo erro, decorrente do primeiro, estaria no fato de os poetas julgarem que, para produzir poemas nacionais, deveriam “exaltar as ações de uma caterva de canibais, que vinha assaltar uma colônia de nossos antepassados só para os devorar”. A seu ver:

Deu-nos Deus a inspiração poética para o louvarmos, para o magnificarmos pela religião, para promover a civilização, e exaltar o ânimo a ações generosas [...]. Infeliz do que dela se serve para injuriar sua raça, seus correligionários e, porventura, a memória de seus próprios avós.<sup>41</sup>

38. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 44.

39. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 44.

40. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 44.

41. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 44-45.

Num momento em que o indianismo já ganhara amplos apoios, e as publicações de Gonçalves Dias concretizavam aspirações dos críticos no sentido de se dar início à produção de uma poesia exclusivamente nacional,<sup>42</sup> o visconde era uma voz discordante entre os indianistas. Segundo Lacombe, “o indianismo romântico não era considerado por Varnhagen só um erro, mas um perigo, pondo em dúvida a validade de toda a obra política portuguesa e brasileira”,<sup>43</sup> pois, para o visconde, os nativos brasileiros eram selvagens e antropófagos, animais primitivos que apenas impediam o pleno e tranquilo avanço da ação colonizadora e civilizadora.

Quando seus contemporâneos se perguntavam se os nativos brasileiros cultivavam a música e a poesia, Varnhagen respondia que “os indígenas tinham um gênero de poesia que lhes servia para o canto”, que eles “arremedavam pássaros, cobras e outros animais, trovando tudo por comparações, etc”.<sup>44</sup> Destacamos: “arremedavam”. É desse modo depreciativo que afirma ainda que os índios americanos até podiam compor poesias, mas suas criações não passavam de composições monótonas e improvisadas, repetidas incansavelmente. Aos indígenas era atribuída apenas a capacidade de produzir uma harmonia imitativa da natureza e não de criar. O tom animalesco atribuído a essas composições não deixa dúvida. Se os selvagens compunham, não se tratava de inspiração do espírito. Os indígenas sequer poderiam ser considerados capazes de expressar sua índole em produções literárias, pois não tinham razão e nem sentimentos. Não haveria neles a luz da inspiração e nem a expressão de espíritos poéticos e sensíveis. Se esses selvagens tinham tendência para a música e a poesia, os jesuítas aproveitaram-se delas como meio para a catequese. Foram entre esses jesuítas, preocupados em atrair esses selvagens, que “saíram os primeiros poetas que produziu o Brasil”.<sup>45</sup> Assim, a poesia brasileira teria suas sementes plantadas pela ação evangelizadora e o que antes existira, se existira, não passava de manifestações grotescas de seres que apenas conseguiam imitar a natureza.

42. COUTINHO. *A tradição afortunada*: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira, p. 93.

43. LACOMBE. *As idéias políticas de Varnhagen*, p. 143.

44. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 41.

45. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 45.

Segundo Marisa Lajolo, o texto de Varnhagen é “do contra”.<sup>46</sup> Talvez mais do que ser “do contra”, o estudioso tenha procurado coadunar suas teorias literárias com suas teorias históricas e etnográficas. Convicto de que o Brasil era filho das mãos colonizadoras, negava a temática indianista como fonte de inspiração para os poetas e literatos e como paradigma para a edificação de uma literatura nacional.<sup>47</sup> Em 1852, no texto “Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil”, condenava expressamente o indianismo literário. Segundo ele, o poeta que cantasse os “heroísmos satânicos”, louvasse a resignação forçada e sua indolência, conseguiria apenas compor mera poesia, porque a verdadeira poesia era aquela que expressava a verdade. Os poetas indianistas faltavam com a verdade. Ele chega até a escrever ao imperador, nesse mesmo ano de 1852, sobre essa questão, para adverti-lo do perigo representado pelo indianismo de Gonçalves Dias. A seu ver, era preciso que o monarca não deixasse “para mais tarde a solução de uma questão importante acerca da qual convém muito ao país e ao trono que a opinião se não extravie com ideias que acabam por ser subversivas”.<sup>48</sup>

Subversiva seria, nesse sentido, uma literatura que veiculasse a imagem do indígena como portador da brasilidade. No processo de construção de uma autoimagem capaz de servir de símbolo a uma Nação branca e europeizada, Varnhagen abominava a utilização dos indígenas. Talvez por ter consciência da força simbólica da literatura, ele julgasse que essa temática negava e rompia os elos que a Nação brasileira deveria construir com a Europa.

É certo que Varnhagen construiu uma das mais eruditas e ricas antologias poéticas de seu tempo, conforme nos atesta Antonio Candido.<sup>49</sup> Antepôs a sua antologia um texto de caráter historiográfico em que procurou traçar os rumos a serem trilhados pela literatura brasileira naquele momento. Afrânio Coutinho chegou a atribuir ao autor, em função dessa *Introdução*, o papel de fundador da historiografia literária brasileira.<sup>50</sup>

46. LAJOLO. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história?, p. 306.

47. VARNHAGEN. Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil, p. 233.

48. LESSA. *Francisco Adolfo de Varnhagen: correspondência ativa*, p. 187.

49. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 350.

50. COUTINHO. *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*, p. 13.

O “Ensaio histórico”, que serve de introdução ao *Florilégio*, foi escrito em 1850, apenas quatro anos antes da primeira edição de *História geral*. Localizar esse texto em sua obra mostra como Varnhagen já apresentava suas ideias sobre o fato de serem selvagens os nativos americanos e sobre a impossibilidade de recuperação das produções poéticas deles em prol da civilização brasileira.

Em 1840, ao publicar sua *Chronica*, Varnhagen pagou seu tributo à temática indianista, que era apontada pelos seus contemporâneos como a mais legítima forma de expressão do espírito nacional. Ao negar o indianismo romântico, ele negava também sua primeira manifestação intelectual, em que tratou os indígenas brasileiros segundo postulados dessa corrente literária.

Do mesmo modo, para ele, a construção de uma literatura nacional jamais poderia tomar como tema privilegiado o indianismo. Na introdução ao *Florilégio da poesia brasileira*, frontalmente se coloca contra a temática indianista. Se os poetas desejavam produzir uma literatura nacional e original, deveriam contemplar a natureza, pautando-se em “preceitos do belo trazidos da Europa”. Para o autor, o grande engano estava em:

[...] querer produzir efeito e ostentar patriotismo exaltando as ações de uma caterva de canibais que vinha assaltar a colônia de nossos antepassados só para os devorar [...]. Deus deu-nos a inspiração poética para o louvarmos, para o magnificarmos pela religião, para promover a civilização; e para exaltar o ânimo a ações generosas [...].<sup>51</sup>

O autor conclui afirmando que infeliz era aquele que usava da poesia para “injuriar sua raça, seus correligionários, e porventura a memória de seus próprios avós!”.<sup>52</sup>

51. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 44-45.

52. VARNHAGEN. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil, p. 45.

*Francisco Adolfo de Varnhagen and the denial of romantic Indianism*

**Abstract:** *This article, through the analysis of texts of Francisco Adolfo de Varnhagen, viscount of Porto Seguro, shows how and why this author changed from a favorable perspective in regard to romantic Indianism to its denial as the foundation of Brazilian literature. When Indianism gained ample ground and was seen by critics as a way to begin the production of a national literature, Varnhagen was a dissonant voice among the Brazilian authors. For him, it was not only a mistake, but a real threat to Brazilian nationality, for it put in doubt the validity of Portugal's colonizing and civilizing industry as well as the constitution of a white and Europeanized nation.*

**Keywords:** *Brazilian literature, Romantic Indianism, Francisco Adolfo de Varnhagen.*

*Referências*

- ALENCAR, José de. Benção paterna. In: ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro*. São Paulo: Edigraf, [s.d.]. p.7-14.
- AMOROSO, Marta R., SÁEZ, Oscar C. Filhos do norte: o indianismo em Gonçalves Dias e Capistrano de Abreu. In: GRUPIONI, Luís D. B.; SILVA, Aracy L. da (Org.). *A temática indígena na escola, novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. p. 237-256.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981, 2 v.
- COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada: o espírito de nacionalidade na crítica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio/ Edusp, 1968.
- FLEIUSS, Max. O centenário de Martius. In: MARTIUS, Carl Friedrich von. *O estado de direito entre os autóctones do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982. p. 1-8.
- GERBI, Antonello. *O novo mundo: história de uma polêmica 1790–1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GRAÇA, Antônio Paulo. *Uma poética do genocídio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- LACOMBE, Américo J. As idéias políticas de Varnhagen. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 275, p. 135-154, abr./jun. 1967.
- LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, Marcos César de (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto/Universidade São Francisco, 1998. p. 297-327.
- LESSA, Clado Ribeiro de. Formação de Varnhagen. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 186, p. 55-88, jan./março. 1945.

- LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen. 2ª parte: Obra. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 224, p. 109-313, jul./set. 1954.
- LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen: o polemista (continuação). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 227, p. 85-233, abr./jun. 1955.
- LESSA, Clado Ribeiro de (Org.). *Francisco Adolfo de Varnhagen*: correspondência ativa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1961.
- OLIVEIRA, Laura Nogueira. *A palavra empenhada*: recursos retóricos na construção discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen. Belo Horizonte, 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, 22 v.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Crônica do descobrimento do Brasil. *O Panorama; Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa: Tipografia da Sociedade, v. 4, p. 21-22, 33-35, 43-45, 53-56, 68-69, 85-87, 101-104, jan. a dez. 1840.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *O descobrimento do Brasil, crônica do fim do décimo-quinto século*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Imp. e Const. de J. Villeneuve e Cia, 1840.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. III, p. 53-63, 1841.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. A picada do mato virgem: fragmento de uma viagem pelo sertão. *O Panorama; Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa: Tipografia da Sociedade, v. 4, p. 221-223, jul. 1842.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Prólogo. In: *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1987. v. I, p. 13-17.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Introdução: ensaio histórico sobre as letras no Brasil. In: *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1987. v. I, p. 39-73.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Breves comentários à precedente obra de Gabriel Soares. Introdução. Comentários. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 367-423, 1851.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Como se deve entender a nacionalidade na História do Brasil. *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1948. p. 229-236.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º; apostila e nota G aos nº 11 e 12 do 'Jornal do Timon', contendo 26 cartas inéditas do Jornalista e um extrato do folheto 'Diatrise contra o Timonice' etc.* Lima: Imprensa Liberal, 1867.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *O Brasil e seus habitantes antes da colonização cristã: da História geral do Brasil – Prefácio*. Pelo Visconde de Porto Seguro, natural de Sorocaba, 1875. 5 p. (Texto sem publicação conhecida, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional, Seção de Livros Raros, ref. 104, 1, 30).